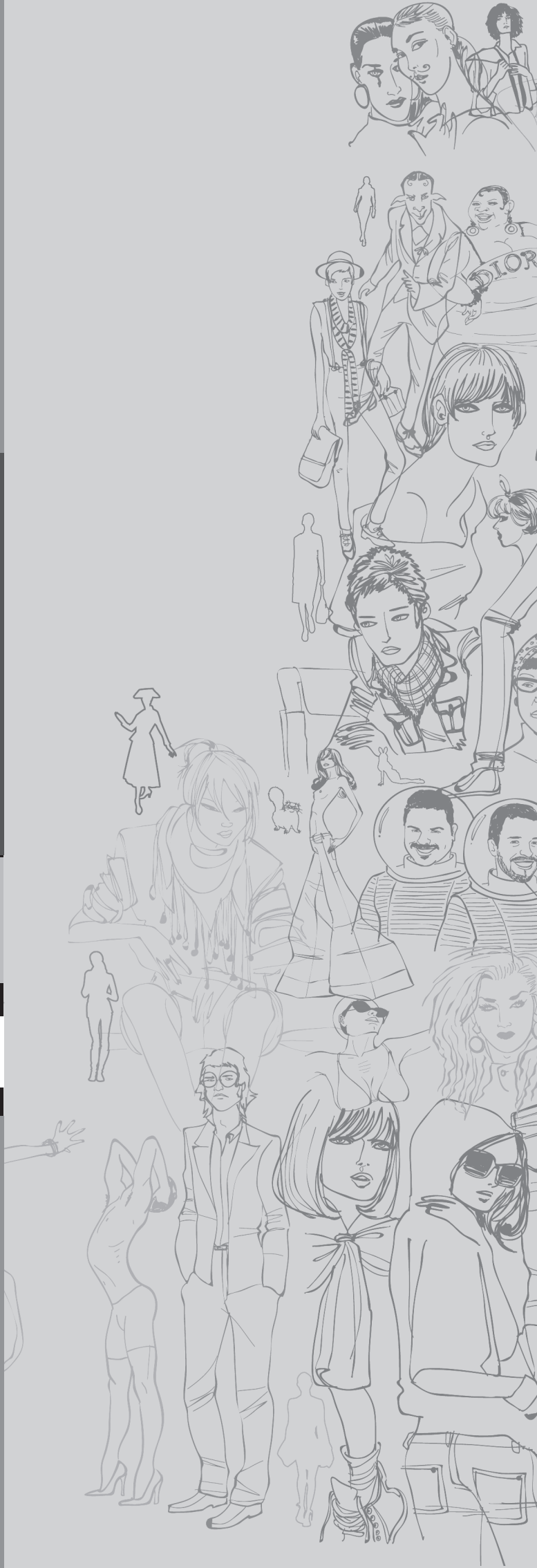


columnas



[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora do Instituto de Artes e Design da UFJF e autora do livro *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida* (Anhembí Morumbi, 2005).
E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br





Quase a maioria das vezes em que alguma reflexão sobre moda brasileira vem à tona, ao menos duas expressões batem recorde: identidade de moda brasileira, sem caipirinha, mulatas e samba no pé, é kitsch, e, recentemente, um discurso mais *cool*, sofisticado, científico, o tal "nosso DNA de moda". Claro que com algumas variantes: já ouvi, por exemplo, a Clô Orozco referir-se à sua própria marca como portadora de um DNA único, genuíno, inquebrantável. O mundo da moda parece fazer absoluta questão disso e oculta qualquer tipo de abordagem em que falha, fragilidade, imperfeição sejam objeto de reflexão. Não se trata, obviamente, de fazer apologia à debilidade, à fraqueza, muito ao contrário, o que me interessa é promover o embate entre formas cheias de saúde, atléticas mesmo, e que muitas vezes apenas reiteram modelos dominantes absolutos, e outras, cuja plenitude é serem exatamente frágeis, e por isso podem afirmar outras modalidades de vida plúrais e em transição.

De qualquer forma, fazendo uso público ou privado, a metáfora biológica do DNA pegou mesmo, e todo mundo sai à caça desse mistério genético que nos constitui e que aponta uma linhagem, de preferência saudável e classuda, que limpe a nossa barra.

Eu não faço a mínima ideia do que seja esse tal de DNA de moda. Se fosse "esse tal de rock'n'roll", já ensinaria logo alguns passos selvagens: inscrição genética definitiva no meu corpo, que já rebolou muito ao som de bandas e bandinhas no Circo Voador?

É curioso, o que supostamente nos define ontologicamente, e tenho câibras só de usar essa palavra, ontologia, já foi uma certa dose necessária de irreverência e mau-mocismo ou, no mínimo, coisa que não valia grande coisa, não era um valor de troca, dizia respeito apenas a se estar vivo e dançar freneticamente, incorporando as coisas do chão, despachando as alturas nas alturas. Um parêntese: para seu governo, isso não faz tanto tempo assim, não!

Enfim, o que prevalecia mesmo era um irresistível desejo de ser um pária da família burguesa. Ninguém, em sã consciência, requisitaria um exame de DNA para provar qualquer "nobre estirpe", fosse francesa, inglesa ou coisa que o valha, ao menos não por onde eu circulava. Nunca pertenci a nenhuma elite, econômica, social ou intelectual, mas às ruas, com seu comércio popular, sua algazarra, sua força inclassificável e obstinada.

Ah, mas me lembro que existiu um dia a Socila, uma escola que ensinava boas maneiras e se incumbia de apresentar às moças as regras da boa conduta em sociedade, mas que à certa altura não ensinava mais as tais etiquetas necessárias, chegara o tempo de esculpir corpos e aprender a gerenciá-los.

Acredito que não seja surpresa para ninguém ouvir dizer que o reduto de investimento mais cobiçado hoje pelo capitalismo é a própria subjetividade. E são inúmeros os pensadores que se dedicam a mapear seu funcionamento, chegando a uma ideia recorrente de que o capitalismo atual vende modos de vida a todos, palavras de Peter Pál Pélbart. E nós os adquirimos em felizes pacotes. Basta gerenciá-los com diligência e morrer de felicidade! E nada parece nos ser imposto, porque seu investimento mais pesado recai justamente nas mercadorias imateriais: são afetos, emoções, memórias, ideais. Por isso mesmo, nos vemos enredados cada vez mais, o que, traduzido numa linguagem bem coloquial, se converteria em algo do tipo: somos alvejados direto na veia, e ao nosso sangue suplementam-se outras qualidades: umas boas, outras nem tanto. Ou melhor, umas que nos revigoram, outras nem tanto. Enfim, mas é preciso cautela, e dar um jeito de despolarizar a questão, falo isso para mim mesma. A vida é muito mais que um isso ou aquilo dualista. O perigo de rebaixá-la, de aplastá-la, é enorme.

Fico pensando, então: afinal que imagens de nós mesmos gostaríamos de projetar? Nossa cultura, historicamente mestiça, já, de cara, torna irrelevante qualquer desejo de nela se encontrar uma ontologia própria. Essa é uma discussão polêmica e relevante trazida de forma brilhante por Amálio Pinheiro, professor do curso de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, líder do grupo de pesquisa Mídia e Cultura: Barroco e Mestiçagem. Isso também não quer dizer que somos um nada. Sim, porque ou temos uma identidade ou somos nada. Talvez seja difícil aceitar que operamos de acordo com outra lógica.

Por aqui parece haver um terreno propício para se afirmar uma outra espécie de Razão, menos paranoica, que flerta com as forças desestabilizadoras da vida. Uma Razão menos prática, mais receptiva à contribuição do Outro. Não sei se isso pode chegar a ser minimamente compreendido e exercitado. Deveria, a meu ver, porque nos lançaria em caminhos mais experimentais de pensar, sentir, amar, morar, vestir. Seríamos sujeitos milionários, em acertos e erros também. Mas para isso vingar de vez seria necessário atualizar o que já foi formulado/experimentado antes. Aprendemos essa "lição" com o escritor e pensador modernista Oswald de Andrade: a de contrabandear "muambas" que amplificam nossa cultura. Ele era capaz de rigorosamente selecionar fragmentos do velho mundo e traficá-los com nossa cultura, que é *sampler*, antes do *sampler*, quase por vocação histórica, arrisco dizer. Não posso deixar de mencionar também a grande contribuição dos tropicalistas, que agarraram o bastão arremessado por Oswald e o levaram ainda mais adiante, acolhendo e misturando a cultura popular e a de massa, costuradas por guitarras elétricas e suas ensandecidas sonoridades.

Para um debate vigoroso sobre a moda que hoje é feita no Brasil, menos importante, talvez, do que exportar, seja uma genuína identidade, seja um DNA com *pedigree*, seria avaliar o que temos devorado e como temos devorado: estamos recorrendo apenas a uma mímica patética ou travando um intenso diálogo com a produção internacional à nossa volta, que nos estimula a traçar rotas de criação mais abusadas, arrojadas, menos submissas e envergonhadas, e sobretudo mais conectadas à nossa própria formação histórico-social e política? É claro que isso nos exigirá outras afinanças, ritmações, para localizar e determinar a quais questões culturais implicadas em nossas práticas criativas nos cabe dar visibilidade.

SAIBA MAIS

NUNES, Benedito. *Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PÉLBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PINHEIRO, Amálio. *Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça*. São Paulo: Unimep, 1994.

RISÉRIO, Antonio. *Dicotomia racial e riqueza cromática*. In: BRASILEIRO, Brasileiros. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2005. Catálogo de exposição, 20 nov. 2004-16 maio 2005, Museu Afro Brasil.

